

COLÓQUIO

“D. NUNO ÁLVARES PEREIRA. O HOMEM E A MEMÓRIA”

D. NUNO ÁLVARES PEREIRA: UM SANTO PARA O NOSSO TEMPO

Dom Duarte Pio

(Representante da Casa de Bragança)

Julgava-se que D. Nuno Alvares Pereira teria nascido no Castelo de Cernache do Monjardim na festa de São João Baptista, 24 de Junho de 1360, recebendo o Baptismo, no mesmo dia, no Mosteiro do Bomjardim, fundado por seu pai, D. Álvaro Gonçalves Pereira, na Prior da Ordem do Hospital, hoje chamada Ordem de Malta. Mas provavelmente terá nascido em Flor da Rosa, junto à bela Vila do Crato, que pertencia à mesma ordem.

Criado na Corte, junto à mãe, D. Iria Gonçalves do Carvalhal, o jovem dedicou-se à leitura e à cavalaria, tornando-se Escudeiro da Rainha D. Leonor Teles, que o revestiu aos 13 anos no arnês usado pelo mestre de Avis, quando o armou Cavaleiro em 1373.

Logo de pequeno aprendeu a amar as virtudes dos santos, a pureza, a caridade e a humanidade, tendo jurado seguir o código de honra dos lendários Cavaleiros da Távola Redonda. Devoto piedoso da SSm^a Eucaristia, manteve o costume durante toda a vida de ouvir diariamente a missa.

A 15 de Agosto de 1376, com dezasseis anos de idade, para obedecer ao pai, apesar do seu propósito de se manter casto, casou com D. Leonor de Alvim, jovem viúva, indo viver para um solar de família, perto de Cabeceiras de Basto. O casal teve três filhos; destes sobreviveu apenas D. Beatriz, a mais nova.

Em 1379, com 19 anos somente, D. Nuno foi nomeado Fronteiro-Mor do Minho e Trás-os-Montes e, em 1381, Fronteiro-Mor do Alentejo.

Passamos a citar algumas passagens do excelente livro *Nun'Álvares, Condestável e Santo*, do Senhor Bispo D. António dos Reis Rodrigues. A leitura desta obra não só é muito agradável como é fundamental para conhecer a alma deste homem excepcional.

“Em 1383, no mês de Outubro, D. Fernando fechava para sempre os olhos. Com ele se haveria de extinguir a própria dinastia. Nun'Alvares encontra-se em Pedraça, nas terras da mulher. Apressou-se a vir para Lisboa, com a sua escolta de 30 homens de armas e larga peonagem, para assistir as cerimónias fúnebres do trigésimo dia da morte do monarca.

Pôde então conhecer, na capital, a grandeza do perigo que ameaçava o país. Pelas mãos de Leonor Teles, viúva de D. Fernando, o Rei de Castela estava prestes a sentar-se no trono português. Era inquietante o sobressalto nas ruas e nos espíritos. Da parte do povo principiava a respirar-se uma atmosfera de insurreição. E um nome corria, como esperança última dos que teimavam em opor-se ao que parecia já inevitável: o do Mestre de Avis, D. João, filho do velho Rei D. Pedro. Logo também Nun'Álvares concluiu «que não havia outrem que mais direita razão tivesse de se pôr por defesa do Reino”..

O irmão mais velho, Pedro, Prior de Crato, em sucessão do pai, ficara sempre do lado dos Castelhanos. Outro irmão, Diogo, fará o mesmo. Nuno, para ser fiel “à terra que o criara”, não hesitou em se afastar deles.

Nos últimos dias de 1383, a morte de Andeiro, amante de Leonor Teles, precipitou os acontecimentos. Reunidos no Mosteiro de S. Domingos, “o comum povo livre” proclamou o Mestre de Avis Regedor e Defensor do Reino, o qual organizou o seu Conselho de Governo, chamando Nun'Álvares a fazer parte dele. Nas ruas estalava a revolução, que alastrou rapidamente de Lisboa a numerosas terras do País, com particular vigor nas do Alentejo, transformado em verdadeiro “baluarte da revolução”.

Foi na província do Alentejo que, logo de entrada, no dia 6 de Abril, a meia légua da Vila de Fronteira, ocorreu a célebre batalha dos Atoleiros. Escolhida a posição e formados os seus homens, Nuno enfrentou os Castelhanos que avançavam. Ele era habitualmente de uma alegria irradiante, e ali bem o mostrou, no sentimento seguro e tranquilo de confiança que suas palavras despertavam no espírito de todos. Montado na sua mula, passando de formação em formação “esforçando as gentes com boas palavras”, D. Nuno dirigia-lhes as últimas recomendações.

Ouviram-se os gritos de guerra, lançados de um e outro lado. Os portugueses eram relativamente pouco numerosos. Mas nenhum duvidou do seu capitão, recordados daquelas palavras que antes lhes dissera: “Já muitas vezes aconteceu os poucos vencerem muitos, porque todo o vencimento é em Deus e não nos homens”. E triunfaram do poderoso e bem adestrado exército invasor.

Terminada esta batalha, o jovem Fronteiro-Mor foi de combate em combate, entrando em vilas e castelos e pacificando a imensa região que lhe fora confiada. Em Setembro, o inimigo, com tropas dizimadas pela peste, levantou o cerco que entretanto fizera à cidade de Lisboa, iniciando sete meses antes. A revolução principiava a respirar.

As Crónicas narram que o celebre Alfageme da Ribeira de Santarém, que corrigiu a sua espada numa só noite, gravou nela uma cruz e uma estrela com o nome da Virgem Santíssima. Levantou esta espada pela primeira vez em defesa da Pátria, na batalha de Atoleiros a 8 de Abril de 1384. Depois dessa vitória, o Mestre de Avis, concede-lhe o título de Conde de Ourém. A 6 de Abril de 1385 o Conde de Ourém foi nomeado Condestável e Mordomo-Mor do Reino, tornando-se assim guardião máximo da Lei e da Moral nacional.

Na Batalha de Aljubarrota, travada a 14 de Agosto de 1385, D. Nuno comandou a vanguarda do exército Português, que enfrentou um inimigo quatro a seis vezes mais poderoso. Venceu-o mais pelo poder da oração e sua estratégia militar (táctica do combate em quadrado) do que pelo poder das armas.

Dizem que foi sua mãe quem bordou o famoso Estandarte com a Cruz de Cristo, a cena do calvário em que Cristo diz para São João “Eis a tua Mãe” e para a Virgem; “Eis o teu Filho”, e as imagens de Maria SSm^a com o Deus Menino, e seus patronos São Tiago e São Jorge. Era diante deste estandarte que D. Nuno se ajoelhava e orava fervorosamente, antes de todas as batalhas, pedindo mais a paz e o bem das almas dos que iriam combater e falecer, do que propriamente uma vitória triunfal para os seus exércitos.

A tradição secular afirma que em Fátima, quando passava de Tomar a caminho de Aljubarrota a 13 de Agosto de 1385, D. Nuno foi atraído à Cova da Iria, onde, na companhia dos seus cavaleiros, viu os cavalos do exército ajoelhar, no mesmo local onde, 532 anos mais tarde, durante as conhecidas Aparições Marianas, Deus operou o Milagre do Sol. Foi por esta razão intitulado, por vários historiadores carmelitas de “Precursor de Fátima”. E quem poderá saber o papel providencial que D. Nuno teve na libertação dos pequenos videntes de Fátima que foram detidos a 13 de Agosto e libertos a 15 de Agosto de 1917 na mesma terra do seu antigo Condado de Ourém?

MODELO DE MISERICÓRDIA E GENEROSIDADE

Depois da vitória de Aljubarrota, D. Nuno tornou-se o homem mais rico de Portugal, tendo recebido as terras dos nobres que apoiaram o Rei de Castela. Entre 1384 e 1398, foram-lhe dados os títulos e Senhorios das terras de Barcelos, Chaves, Vila Viçosa, Estremoz, Évora-Monte, Borba, Colares, Unhos, Frielas, Almada, Camarate, Alvaiázere, Porto de Mós, Basto, Arco de Baúlhe, Barroso, Braga, Guimarães, Montealegre, Montemor-o-Novo, Alter do Chão, Sousel, Bouças, Portela, Loulé, Rabaçal, Pena, Arraiolos, Tendais, Paiva, Lousada, e as rendas de cerca de 60 Vilas do Reino. Era, no entanto, humilde e misericordioso para com os vencidos

e a sua caridade e generosidade não conhecia limites, levando a que já em vida fosse conhecido em Portugal e por toda a Europa como *Santo Condestável*.

Chorava os mortos de ambos os exércitos e encomendava as suas almas a Deus nas suas orações diárias. Mandava tratar com igual cuidado dos feridos portugueses e castelhanos.

Aos inimigos rendidos que permanecessem em Portugal, D. Nuno oferecia-lhes sua protecção, dinheiro para sobreviverem, e terrenos para construírem casas.

Escreve o Senhor Bispo D. António dos Reis Rodrigues: “E, em relação aos inimigos, não era menor a sua benignidade. E fácilimo odiar um adversário quando as paixões são exacerbadas pelo prazer da luta. Mas Nun’Álvares, mesmo sob a embriaguez do combate mais aceso, nunca odiou ninguém, o que dá – acentuemos –, talvez como nenhum outro indicador, a medida exacta da sua alma de cristão.” Não permitia que a sua gente destruísse aldeias nem searas. Protegia as mulheres, as crianças e os pobres. Certa vez, durante quatro meses, por ocasião de uma grande carestia, alimentou à sua custa quatrocentos castelhanos, distribuindo 6400 alqueires de trigo. E, outra vez, mandou soltar uns noivos que os soldados tinham aprisionados “e tornou-lhes a fazer a sua festa e ofício, cantando os seus soldados nela”. Ele mesmo tomou parte na celebração das bodas, “dizendo que assim cumpria de fazer, pois que o casamento era um dos sacramentos da Santa Igreja”. Não era de admirar, por conseguinte, que também o inimigo tivesse por ele um pouco da veneração que os seus lhe tributavam. “Por estas e por outras boas maneiras que o Conde na guerra usava com seus inimigos, assim como lavradores e gentes miúdas lhe queriam todos mui grande bem e rogavam a Deus por ele”.

Foi sua a ideia de D. João I erguer o grandioso Mosteiro da Batalha em acção de graças à Virgem pela vitória e que ordenasse por decreto que nele, perpetuamente, houvesse uma celebração diária em honra de São Miguel, designado por nome, como Anjo Custódio de Portugal e da Paz. As Capelas de São Jorge em Aljubarrota, Santa Maria de Seiça, em Ourém, e Nossa Senhora de Assumar, em Atoleiros, foram também por ele mandadas construir em 1393, em cumprimento de promessas feitas a Nossa Senhora da Vitória antes das Batalhas travadas.

Em Braga, quando em 1387 assistia às Cortes, recebeu a triste notícia que sua esposa, D. Leonor, tinha falecido ao dar à luz uma filha, que recebeu o nome de Brites (Beatriz) Pereira. Esta foi criada pela avó D. Iria, que passou a viver com D. Nuno e a neta no Paço de Arraiolos.

“A pureza é o segundo aspecto que o aproxima de Galaaz (cavaleiro do Rei Artur). Através dela, soube Nun’Álvares guardar, em todos os momentos, a solidez dos seus sentimentos, e bem assim a fulgurante juventude de coração, a desinteressada e generosa frescura de

convicções que sempre o distinguira, mesmo quando os anos lhe começaram a pesar. Aos homens desta civilização afrodisíaca que, na justa expressão do filósofo Bergson, é a nossa, a civilização actual do ocidente, acharão aqui, muito particularmente matéria para se escandalizarem ou para se rirem. O facto, porém, é que, sem embargo dos seus preconceitos puramente gratuitos, a experiência ensina de sobejo que a pureza, naqueles que a aceitam por uma decisão toda interior, assinala invariavelmente uma alma forte, de energias espirituais elevadamente concentradas. Tanto como a licença dos costumes dissolve os caracteres, ela os robustece, até fazer deles o apoio estável de uma grande missão que se queira levar a cabo. Prova concludente desta lei podemos vê-la no Santo Condestável.

O rigor e a sinceridade da sua virtude permitiram-lhe exercer uma indiscutível e enorme influência em redor de si, tanto na corte, como no exército de que era chefe”. São de todos os tempos, desgraçadamente, umas vezes maiores, outras menores, as desordens sexuais que os soldados, terminadas as operações em que tiveram de entrar, deixam atrás de si. Nun'Álvares era extremamente cuidadoso em preveni-las e, se se verificaram, severíssimo em castiga-las. Isso lhe custou pesados sacrifícios e o sujeitou a muitas críticas, frequentemente impiedosas. Contudo, passada a primeira surpresa, as suas tropas tornaram-se bem diferentes - fermentos de uma vida social mais sã, sinal do espírito cristão junto do povo. Era verdadeira a observação que o rei costumava repetir: “que os bons costumes que em Portugal havia, que o Condestável os pusera todos”.

Mas o fundamento de tudo isto - e eis o terceiro e últimos aspecto que relevamos - era a sua fé religiosa. Já Oliveira Martins o observou: “A sua fé em Deus era a chama em que ardia a sua dedicação patriótica e a sua energia militar. A religião era a raiz; a virtude, a coragem, o civismo, os ramos da árvore da sua vida, iniciada pela revolução mística da Cavalaria. Salvando Portugal, levantando um trono ao Mestre de Avis, cumpria a empresa que lhe fora marcada; mas essa empresa, transcendentalizando-se importava a própria exaltação da sua alma no seu de Deus amado”.

“AVÔ DA CASA DE BRAGANÇA” E MODELO DE CARIDADE

Em 1401, D. Nuno deu sua filha em casamento a D. Afonso, filho de D. João I, e futuro Duque de Bragança (1442). No dia do casamento, com a permissão de D. João I, doou o título de Conde de Barcelos ao genro. É chamado “Santo Fundador da Real, Sereníssima e Fidelíssima casa de Bragança”.

A 25 de Julho de 1415, D. Nuno partiu para a conquista da Ceuta como conselheiro militar, acompanhando D. João I e seus filhos.

De regresso ao Reino, atravessou as fronteiras de Portugal, para levar alimentos aos castelhanos que morriam de fome durante uma terrível seca.

Com a paz com Castela firmada a 31 de Outubro de 1411, D. Nuno já pudera dedicar-se com maior intensidade às obras de misericórdia, criando casas de abrigo para doentes, viúvas e órfãos, o seu amor ao próximo não conhecia raça ou crença e assim acolheu nas suas terras, mouros, e judeus, que o chamavam de pai por lhes ter construído Mesquitas e Sinagogas para oração. Destas, ainda se podem visitar a Sinagoga de Tomar e as ruínas de Ourém. Esta atitude era verdadeiramente excepcional na Europa daquela época, e o próprio D. Nuno manifestava-lhes o desejo de que se convertessem ao Cristianismo.

Também fundou sete Igrejas em honra a Nossa Senhora, em Évora, Portel, Sousel, Estremoz, Monsaraz, Mourão e Vila Viçosa. Para esta ultima mandou ele fazer, na Inglaterra, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição em pedra anã. O seu 6.º neto, D. João IV, o primeiro Rei da Casa Bragança, em memória da sua devoção à Padroeira, coroou-a Rainha de Portugal a 25 de Março de 1646.

Em Julho de 1422, abandonou a sua carreira militar e fixou residência no Convento de Nossa Senhora do Carmo em Lisboa.

Por escritura de 9 de Dezembro de 1433, desapossou-se de todos os seus bens e títulos, e à semelhança de São Francisco de Assis, distribuiu as suas armas pelos seus companheiros, as suas roupas e os seus tesouros pelos pobres e órfãos, e os seus títulos pelos netos. Muitas das suas terras foram também distribuídas pelo povo que as cultivava, mas já anteriormente grande parte fora oferecida a vários mosteiros.

Uma parte passou a constituir o Morgadio da Casa de Bragança, que foi respeitado até pelos Governos da Primeira República. Só em 1940, após a morte no exílio de Dom Manuel II é que foi transformado pelo governo da época em Fundação da Casa de Bragança, passando portanto para a posse do Estado.

A 15 de Agosto de 1423, D. Nuno tomou o hábito de carmelita Donato (um simples irmão), e ao receber o hábito e o nome religioso de “Frei Nuno de Santa Maria”, jurou ele ouvir a imagem de Nossa Senhora do Carmo dizer: “Vinde a mim – usai o meu sinal – e eu farei de vós um santo ... sede perfeito ... encontrai o meu Filho ... imitai-me”. Quis ser chamado somente de Nuno de Santa Maria, e viver afastado da Corte e de Portugal, numa terra distante onde ninguém o conhecesse, a mendigar o seu sustento pelas ruas das cidades estrangeiras. Foi impedido de partir pelo Príncipe D. Duarte que achava que tal intento poderia cair mal ao povo.

Assim deste modo. D. Nuno mais uma vez se viu obrigado a contrariar a sua vontade, e

deixou que o intitulassem de Condestável, continuando a usar em certas alturas, por debaixo do seu hábito, a espada e a cota de malha que usou nas batalhas. Também foi forçado a consentir em receber uma boa pensão anual da Coroa, para seu sustento mas que ele aplicou no sustento dos seus companheiros e para ajuda aos pobres.

Andava frequentemente descalço e seus únicos bens pessoais eram uma samarra de estamenha, o hábito de Donato, uma túnica talar com escapulário e uma cama tosca com uma manta velha.

PENITENTE DEDICADO

D. Nuno viveu os últimos anos da sua vida jejuando a pão e água todos os sábados em honra de Maria SS^{ma}. Sacrificava-se e mortificava-se pela conversão dos pecadores rezando o Ofício de Nossa Senhora e levantava-se à meia noite para a reza de Matinas. Por humildade recusou ser sacerdote mantendo-se Carmelita Leigo.

Grande devoto do rosário e do escapulário, as duas devoções favoritas, que propagou por Portugal, é responsável pela introdução do uso do escapulário secular, sendo seu genro, o 1.º Duque de Bragança, o primeiro a ser investido na Ordem Terceira aquando do seu casamento em 1401.

Pouco antes de falecer, devido a recusa de aquecer a sua cela de inverno, sofreu um terrível ataque de artrite, que o impossibilitava de andar. Ao aproximar-se da morte, fez uma confissão geral. A cela onde morreu foi preservada, no actual Quartel do Carmo, da GNR.

Faleceu na sua cela, abraçado a um crucifixo, no dia 1 de Abril de 1431, enquanto as suas palavras “Eis a tua Mãe” da paixão de Cristo no Evangelho de S. João, lhe eram lidas. Recebeu os últimos sacramentos, e de acordo com o historiador carmelita, Padre Gabriel Pausback, foram-lhe administradas as 43 acções do ritual dos moribundos, incluindo a leitura de várias bulas de indulgências encadernadas como uma que foi concedida pelo Papa Bonifácio IX no Ano Jubilar de 1380, com a qual foi sepultado, tendo o selo da mesma sido descoberto pelo arqueólogo Fernando Ferreira durante escavações efectuadas no túmulo primitivo no Carmo em 1996 e identificado através de um estudo de Carlos Evaristo, da Fundação Oureana.

De acordo com o seu último desejo, nenhuma honras especiais lhe foram dadas no funeral e o corpo do “último Cavaleiro da Idade Média” foi sepultado numa simples campa rasa, amortalhado, sem caixão, e estendido sob umas lajes de pedras. A presença de um *locus*, ou compartimento para a cabeça não ficar em contacto com a terra, num estilo que se deixou de usar cerca de 100 anos antes e que fora comum para as sepulturas dos cavaleiros, é

comprovativa do reconhecimento que seria considerado como “o último grande cavaleiro arturiano da Idade Média”. Frei Nuno faleceu no mesmo ano em que Santa Joana de Arc foi morta na fogueira, e pode-se dizer que a missão de ambos foi semelhante e continuou para além da morte...

O CULTO DO SANTO CONDESTÁVEL

Os milagres realizados por intercessão de D. Nuno eram tão numerosos que no seu túmulo tiveram que ser feitas aberturas para permitir aos doentes tocarem e obterem terra do sepulcro como relíquia. A Igreja registrou por sua intercessão, 24 curas de paralíticos, 21 curas de cegos, 21 curas de surdez, 18 doenças internas, 16 fatais, e 6 aparições do grande cavaleiro com graças espirituais (*in Chronicas dos Carmelitas* I p. 486-559).

A 21 de Julho de 1437, o Rei D. Duarte enviou uma carta ao Abade Dom João Gomes, (Carta conservada na Biblioteca Laurenziana de Florença), a dizer: “fazemo-vos saber que nós ainda não houvemos o desembargo que saiu do canonizamento do santo Condestável, para que se tire a inquirição, que sobre isto se costuma fazer”. Por estas palavras o Rei queixava-se de não ter recebido cópia do despacho oficial da autorização dada pelo Papa para iniciar o Processo de Canonização. Enviou ele, no mesmo documento, uma bela Oração a D. Nuno composta pelo infante D. Pedro, seu irmão.

Também no reinado de D. Duarte foi autorizada a publicação de a *Crónica do Condestável. O Rol dos 221 Milagres*, atribuídos à intercessão de D. Nuno (desde o reinado de D. Duarte e depois continuado até o reinado de D. Afonso V), e o *Esboço de um Panegírico*, que é o documento mais antigo que afirma que a data de falecimento de D. Nuno foi de 1 de Abril, Domingo de Páscoa.

O Calendário Carmelita composto entre 1456 e 1478 e conservado na Biblioteca de Parma, Itália, em forma de Breviário manuscrito, foi feito em Roma para uso dos Carmelitas Portugueses e celebrava já a festa de *Sanctus Nonius O. Carm.* – (São Nuno da Ordem do Carmo) no dia 1 de Abril, constituindo prova de que foi canonizado por inscrição no Martirológio Carmelita, após aclamação popular no seu Reino.

HOMENAGENS E FESTAS EM SUA HONRA

Esta elevação aos altares é confirmada com o quadro a óleo de Mestre Cresti Passignano; *La vestizione del Beato Nonio Álvares notabile de Portogallo* na Igreja de di Sant Agnese e N.^a Sra. del Carmine, Génova, Itália e com a transladação dos seus restos mortais em 1522, 1531 e

1542 para túmulos mais dignos de um santo, sendo magnífico aquele túmulo em alabastro mandado construir em Florença como sinal da devoção da sua neta, Rainha Isabel a Católica, e de toda a Família Real espanhola. A Festa Litúrgica de D. Nuno era celebrada a 6 de Novembro.

A descendência de D. Nuno não inclui somente a Família Real Portuguesa dos Duques de Bragança e a Família Imperial Brasileira, mas ele é, de facto, avô das Casas Reais de Espanha, Áustria-Hungria, França, Bélgica, Luxemburgo, Liechtenstein, Nápoles (Duas Sicílias), para além dos Príncipes de Thurn e Taxis, Baviera, Bourbom-Parma, etc. e de muitas famílias portuguesas. A família dos Duques de Cadaval, que conservou o nome Álvares Pereira, considera-se representante de D. Nuno.

PROCESSO CANÓNICO E BEATIFICAÇÃO

Nas Cortes de 1641 pediu Dom João IV que os Três Estados fizessem petição ao Papa pela Canonização formal do Santo Condestável. A esta petição o Rei juntou uma carta de pedido pessoal ao Papa Urbano VIII, renovada por carta de D. Pedro II, a Clemente X em 20 de Janeiro de 1674. Poderosas pressões diplomáticas de certo país sempre se opuseram a este desejo dos portugueses.

Finalmente a 15 de Janeiro de 1918, a Sagrada Congregação dos Ritos aprovou a Festa de D. Nuno com “Confirmação de Culto Antigo” e colocou-a a 6 de Novembro. O Papa Bento XV, 8 dias mais tarde, elevou-o aos altares como *Bem-aventurado* ou *Beato* pelo decreto *Clementissimus Deus* e apresentou-o como modelo aqueles que lutavam na I Grande Guerra Mundial.

Todos os Prelados Portugueses em 1940 apelaram ao Papa Pio XII para que reabrisse o processo para a Canonização do Beato Nuno. O Papa autorizou, a 28 de Maio do ano seguinte. Vários obstáculos, desta vez provenientes do Ministro dos Negócios Estrangeiros Português, impediram Pio XII de realizar o seu desejo de Canonizar D. Nuno por decreto.

Durante a Segunda Guerra Mundial o Papa declarou que ele devia ser “modelo a seguir por todos os militares que combateriam na guerra”.

RELÍQUIAS VENERADAS

A 1 de Novembro de 1755, os seus restos mortais foram retirados das ruínas do Carmo que ficou destruído pelo terramoto que atingiu Lisboa e depois trasladados para várias urnas onde as relíquias eram veneradas na Capela da Ordem Terceira, perto do Carmo.

Em 1961, as suas relíquias percorreram Portugal, vindo a ser recebidas com júbilo nas terras por onde passaram.

Em 1967, foi inaugurado o belo monumento equestre de D. Nuno em frente ao Mosteiro da Batalha e mais tarde outro no interior que o retracta de Monge Carmelita. A Vila do Crato também ergueu uma bela estátua ao seu mais ilustre filho.

O Beato Escrivá de Balaguer fundador do Opus Dei¹, em visita a Portugal em 1945 e 1972, afirmou que “D. Nuno era avô de dois povos, que eram primos, Portugal e Espanha” e exclamou: “Ó abençoada Batalha de Aljubarrota, que permitiu que a Virgem tivesse dois braços, Portugal e Espanha, com que abraçou e evangelizou o mundo”.

A sua canonização trará grandes benefícios espirituais para Portugal e para os povos que viveram connosco uma Historia comum, desde o Brasil até Timor, na medida em que nos estimulará a seguir o seu exemplo. Mas será também um acto de justiça histórica.

Com efeito, na história de Portugal, há dois ou três momentos culminantes, momentos que esclarecem ou traçam em definitivo o destino dos Portugueses como povo e que por isso condicionam tudo quanto depois colectivamente veio a realizar. Um deles é a campanha militar levada a cabo por Nun'Álvares, dos Atoleiros a Valverde, ou, se quisermos ir ao essencial, da Batalha de Aljubarrota, de que as outras foram simples preparação ou simples corolário. Depois de Aljubarrota, Portugal achou-se, de uma vez para sempre, como nação. E foi isso que lhe permitiu, poucos anos mais tarde, iniciar a epopeia ultramarina, que hoje se vê foi a empresa específica que Deus lhe reservara no concerto dos povos.

Ora, ao esforço do Condestável se deve tudo isto. Razão por que Fernão Lopes, com o luminoso poder de síntese que só o génio literário permite aos homens, lhe chamou “*pregador do Evangelho português*”, e Fernando Pessoa, na Mensagem o define com palavras não menos belas: “*esperança consumada*”.

Alguns traços, na sua biografia, nos parecem hoje obsoletos e exagerados?

Sem esquecer o enquadramento medieval em que viveu (ponto a que já nos referimos), não esqueçamos sobretudo que as almas excepcionais, como era a dele, fatalmente parecem exageradas aos olhos dos medíocres – e hoje (porque não havemos de o confessar?) muitos de nós somos, comparsas que tristemente nos coube ser de uma civilização em decadência. Quando o vento sopra e as velas se abrem, não há longe que não se torne perto. O homem degrada-se pelo instinto, transcende-se pelo espírito. E, como Nun'Alvares lhe coube ser fiel, intransigentemente, em todas as circunstâncias, nunca nada lhe foi excessivo – nem o destemor

¹ Este trabalho, editado, como dissemos, em 2003, recuperou escritos anteriores, pois Escrivá de Balaguer foi canonizado a 6 de Outubro de 2002.

frente à morte nas batalhas, nem a aceitação das mais duras disciplinas ascéticas.

Sem este fulgor de sonho, que seria ele agora, verdadeiramente, mais do que poeira? Mas, porque recusou invariavelmente o bom senso das pessoas pacatas e ordeiras, ainda o podemos contar hoje como um dos nossos. Quando a revolução de 1383 principiou, Nuno tinha pouco mais de 20 anos. Era um jovem. Jovem permanece apesar do tempo. Jovem e modelo de juventude, para todas as gerações. Rigorosamente vivo no meio de nós, “na limpeza da sua verdade” e no empenho indefectível de colocar “os espirituais actos sobre todas as coisas”. Porque, enfim, para quem sabe ultrapassar-se em Deus, vencendo-se e vencendo pelo poder supremo do espírito e da graça, a morte não é um ponto final, cruel e absurdo; é o começo de uma vida nova.

No Ano Santo e Jubilar de 2000 foi oficialmente retomado, pela Ordem do Carmo, o movimento para a Canonização do Beato Nuno de Santa Maria.

É dirigido pelo Rev. P. Frei Francisco José Rodrigues, Ordem do Carmo, Rua de St.^a Isabel, 128 - 1250-208 LISBOA.

A ele deverão ser enviadas as informações referentes a milagres atribuídos ao Beato Nuno.

Falta o reconhecimento de um milagre para que ele seja finalmente canonizado, e passe a ser reconhecido como Santo pela Igreja, em todo o mundo.